UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
ANA CARLA MARTUCCI NUSP: 9015420
DISCIPLINA: LITERATURA E EDUCAÇÃO
PROFESSOR: MARCOS NATALI
RESPOSTA: **Educação e política (Feminismo. “Ideologia de gênero”)**
Leitura: *Ação Civil Pública Protetiva* (contra o Colegio Santo Agostinho)

"Existe, sim, coisa de menino e coisa de menina! Eu uso calcinha e meu irmão usa cueca.", disse Manuela - 6 anos - , antiga aluna minha, em meio a uma aula de Estudos Sociais, em que discutíamos o papel de homens e mulheres no mercado de trabalho.

Antes mesmo que eu pudesse redarguir, Rafaella me interrompeu e revidou:

- Ah, Manu, me poupe! Calcinha e cueca…! Tudo pedaço de pano! Se eu durmo na casa do meu primo Thi e esqueço a roupa, durmo de cueca mesmo e com a dele!

A sala toda pôs-se a gargalhar. Não precisei dar maiores explicações. Não naquele momento.

Todavia, resolvi que esclarecimentos se fariam necessários. Novas indagações pareciam começar a flutuar ao nosso redor.

Ao voltar para casa, muito refleti. E, resoluta, no dia seguinte, fui até a coordenação. Solicitei permissão para iniciar um projeto com a minha turma, de 1 ano do Fundamental I, para que promovêssemos a igualdade e o respeito entre os gêneros. A resposta era que eu teria o apoio do Colégio; contanto que todo o conteúdo proposto passasse pelo crivo austero da direção.

Concordei.

Na semana seguinte, demos início ao que presumi que seria um grande empreendimento: começamos com pequenas discussões, em que questionávamos o papel da mulher em nossa sociedade e como ele foi se moldando e modificando

com o decorrer do tempo. Assistimos a alguns vídeos que mostravam garotas/mulheres realizando esportes radicais e exercendo profissões que habitualmente são representadas pelo sexo masculino.

Finalmente, chegamos ao ponto de selecionar algumas histórias para leitura e discussão coletiva. A primeira delas, falava sobre uma princesa que não queria ser princesa. Que salvava o príncipe de um dragão, mas que não queria se casar com ele. Que tomava suas próprias decisões. Tinha seus sonhos e lutava pelo que queria. Até aqui, tudo certo. As discussões estavam tomando rumos surpreendentemente positivos; os comentários como "isso é coisa de menina!" (e vice-versa) haviam diminuído e os meninos zombavam menos das garotas durante as aulas de Educação Física, por exemplo.

Entretanto, passei a notar que a coordenação começava a ficar incomodada. Algumas atividades começaram a ser vetadas; e, aos poucos, um intento tão considerável e sensível, empeçou a ser tolhido e refreado. Nossa próxima leitura contaria a história de um garoto que adorava tricotar e se envolver com qualquer forma de manifestação artística que a escola fomentasse - culminando na elaboração de todo figurino para a peça do colégio, a partir de seu tricô.

As crianças não tiveram a oportunidade de inteirar-se sobre este conto.

Fui informada: "Não sei se poderemos continuar com esse projeto… Alguns pais estão reclamando: 'princesa que não fica com príncipe?', 'menina que não quer casar e ter filhos?'... Sei que está tentando fazer algo bacana pelas crianças e foi muito interessante o que fez até agora, mas acho que vamos ter de interrompê-lo, pelo menos por um tempo… Desculpe."

Não me foram necessários outros prenúncios… As hesitações e questionamentos das crianças, que antes drapejavam no ar, agora não mais poderiam se agitar. Acabavam de nos interromper. Estávamos estanques. E, nas corpulentas sutilezas e embaraços, um assomo de certeza: não eram os pais - e muito menos a pequenada - que não estavam prontos para o que já é, o que deveria ser e o que está por vir. Éramos todos nós. Ao que tudo indica, motivar e educar para o respeito e igualdade é perigoso. Perverso.

Dêmos todos as mãos. Não há rumo seguro. Há o que temer.